



## As tecnologias digitais no ensino e aprendizagem de línguas Vol. 21, nº 1, 2017

---

### Vídeos como Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas: uma discussão na perspectiva de aprendiz de Língua de Sinais Britânica

Tatiana Bolivar Lebedeff (Universidade Federal de Pelotas)  
Apoio CAPES, Processo 5249-14-7

**RESUMO:** O trabalho busca analisar vídeos produzidos para o ensino de British Sign Language (BSL) na perspectiva de Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas (OALs). Os dados foram gerados em cursos de BSL em três instituições em Londres: University College London, City Lit e Remark. Para a geração de dados foram utilizados dois procedimentos: produção de um Diário de Aprendizagem e análise dos vídeos utilizando como critérios algumas das características dos Objetos de Aprendizagem. Os vídeos foram analisados com base nas características de Reusabilidade, Interoperabilidade, Granularidade e Recuperabilidade. Minha análise parte de dois olhares: o de professora de Libras e, o de usuária, aluna em nível iniciante. Os vídeos da Remark e UCL podem ser compreendidos com OALs. Sugere-se que os vídeos para ensino de Línguas de Sinais podem ser produzidos a partir de parâmetros de OALs. Entretanto, é necessário ampliar a discussão para outras características, específicas de filmagem, tais como a velocidade da sinalização, mudança de planos e o tempo do vídeo.

**Palavras-chave:** Línguas de sinais; objetos de aprendizagem para ensino de línguas; vídeos.

### Introdução

O Decreto 5.626/2005 trouxe para a área de ensino de línguas um novo desafio: ensinar Língua Brasileira de Sinais (Libras) em todos os cursos de Licenciatura das universidades brasileiras. O prazo dado pelo Decreto foi de 10 anos, ou seja, até o ano de 2015 a disciplina de Libras deveria ser ofertada em 100% dos cursos de graduação em licenciatura. O movimento para atender a legislação foi imenso nas universidades. Um dos maiores feitos foi a criação de cursos de formação de professores de Letras-Libras, presenciais e na modalidade a distância, capitaneado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (CERNY; QUADROS, 2009, p. 3). Ao mesmo tempo, a UFSC desenvolveu, em 2006, o ProLibras que é um Exame Nacional para Certificação de Proficiência no uso e no

ensino de Libras e para Certificação de Proficiência na tradução e interpretação de Libras/Português/Libras. Atualmente, o Prolibras está a cargo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). No caso do ensino de Libras, o exame visa proporcionar às pessoas com nível superior de escolaridade, surdas ou ouvintes, a certificação de competência necessária para compor o corpo docente de Libras (INEP, 2015), ou seja, o Prolibras visa certificar para o ensino de Libras professores que possuam outra formação (pedagogia, geografia, entre outras). A certificação compreende uma prova de compreensão da Libras, envolvendo conhecimentos linguísticos, educacionais e legislação específica da Libras e, uma prova prática de didática que avalia a competência linguístico-discursiva (fluência) e a metodologia para o ensino da Libras (apresentação do plano de aula e conhecimento do conteúdo) (INES/UFSC, 2015).

A entrada em massa da nova disciplina e de novos professores (via Letras-Libras ou via Prolibras) nas universidades foi acompanhada de uma necessidade: material didático. Os cursos de Libras, até então, eram oferecidos por associações de surdos e de familiares de surdos em igrejas e, algumas vezes, como cursos de extensão em instituições de ensino superior. Durante muito tempo, o material didático disponível era em cartilhas, primeiramente mimeografadas e posteriormente fotocopiadas, com os desenhos dos sinais e fitas VHS com narrativas em libras produzidas pelo INES na década de 80.

A Libras com status de disciplina obrigatória na graduação exigiu uma melhoria na oferta de materiais didáticos, as cartilhas em papel já não davam mais conta tanto das demandas docentes como discentes. Os docentes necessitavam de materiais didáticos para o ensino de língua em nível de graduação, com características de acessibilidade e mobilidade. Já os alunos solicitavam recursos para estudo em casa. Além do mais, com a expansão da Universidade Aberta do Brasil (UAB), as disciplinas de Libras também precisavam ser ofertadas a distância, e não se pode ensinar Libras apenas com textos, eram necessários vídeos com glossários, narrativas e diálogos em Libras para os alunos aprenderem a língua a partir de um acesso remoto.

Entretanto, muitos dos materiais produzidos em vídeo não avançaram em termos pedagógicos. A cartilha, antes em papel, agora apresentava-se em DVD. A proposta de glossário, de apresentação do vocabulário em famílias semânticas permaneceu nos vídeos. Este fenômeno de transpor a cartilha do papel para o vídeo não foi exclusividade brasileira. Fourie (2000, p. 46) comenta que o mesmo processo ocorreu nos Estados Unidos. As tecnologias de comunicação ficaram mais acessíveis para a aquisição e mais amigáveis e intuitivas para o uso por amadores, o que levou os profissionais da área da surdez a produzirem vídeos do vocabulário em sinais organizados em temas semânticos para os pais de crianças surdas aprenderem a American Sign Language (Doravante ASL).

No Brasil, diversos profissionais da Linguística começaram a perceber a limitação das cartilhas em vídeo, sendo iniciado um processo de produção de materiais de apoio para as aulas de Libras. Dentre eles pode-se citar: Pimenta e Quadros (2006), Felipe (2007), o programa de vídeo-aulas produzidas pela TV Campus da Universidade Federal de Santa Maria, o Libras TRI<sup>1</sup> desenvolvido em 2012, as aulas de Libras disponíveis na TV INES<sup>2</sup> e, mais recentemente, as vídeo-aulas de Libras da USP<sup>3</sup>, entre outros.

---

<sup>1</sup> Os programas do Libras TRI estão disponíveis no canal Youtube da TV Campus da UFSM. <https://www.youtube.com/results?q=tv+campus+libras+tri>

<sup>2</sup> As aulas de Libras da TV INES estão disponíveis em: [http://tvines.com.br/?page\\_id=14](http://tvines.com.br/?page_id=14)

<sup>3</sup> As aulas de Libras da USP estão disponíveis no site: <http://eaulas.usp.br/portal/course.action?course=6085>

Além desses materiais disponíveis, diversas universidades começaram também a organizar seu próprio acervo, como exemplo, a Universidade Federal de Pelotas -UFPEL (LEBEDEFF; ROSA, 2011a e 2011b; ROSA; LEBEDEFF; SANTOS; SILVA, 2013 e LEBEDEFF; SANTOS, 2014). A produção do material da UFPEL inicia com as já citadas cartilhas em vídeo, entretanto, o grupo de professores da área de Libras da universidade percebeu as limitações de uso desse material e iniciou a produção de diferentes vídeos, com a inclusão de diálogos e pequenas histórias em vídeos de curta-metragem. A partir da inserção desses professores em pesquisas realizadas pelo Laboratório Multimídia de Pesquisas em Estudos da Linguagem e Literatura (LAMPELL), o grupo começou a discutir como produzir os vídeos de Libras na perspectiva de Objetos de Aprendizagem (OA), ou seja, materiais disponibilizados digitalmente que possuem objetivos educacionais e, mais especificamente, com proposta de Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas (OALs). Os conceitos de OA e OALs serão discutidos posteriormente.

Este trabalho parte da premissa que vídeos podem ser compreendidos como objetos de aprendizagem para o ensino de Línguas de Sinais (CONCEIÇÃO; LEHMAN, 2002 e LEBEDEFF; SANTOS, 2014). Um exemplo de pioneirismo nessa área de produção de vídeos para ensino de Língua de Sinais foi a Inglaterra. Em 1988, com o apoio da BBC, canal de televisão público, foi realizada uma série de programas para TV (posteriormente disponibilizados em VHS e, mais recentemente, em DVD) e, publicado um livro (MILES, 1988) para o ensino de British Sign Language (Doravante BSL). Percebe-se, na Inglaterra, uma produção com longa trajetória e diversificada. Os vídeos desenvolvidos para o ensino de BSL podem ser adquiridos em DVD ou online. Além disso, existem diversos materiais disponibilizados gratuitamente.

Um dos objetivos de minha proposta de Estágio Pós-Doutoral realizado em 2015 no Deafness Cognition and Language Research Centre da University College London, com apoio CAPES, foi a de analisar os vídeos – Objetos de Aprendizagem, utilizados por professoras de BSL em sala de aula. Esta análise busca compreender em que medida vídeos produzidos para o ensino de BSL podem ser compreendidos como Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas (OALs). Para coletar os dados fui aluna de dois cursos de BSL Introduction, que é um curso de introdução e pré-requisito para BSL level 1, com carga horária de 20 horas aulas. Além dos dois cursos de introdução, participei de uma atividade denominada BSL Taster, que é uma prática intensiva de BSL, de duas a quatro horas de duração a fim de possibilitar, ao aluno, informações gerais sobre o que é surdez, o que é Língua de Sinais e o que esperar de um curso de Língua de Sinais. É, praticamente, uma ação para tirar o “medo” em relação à língua. As três atividades foram realizadas em três instituições diferentes, o BSL Introduction na University College London (UCL) e na City Lit (empresa especializada em cursos de formação livre, como artes, línguas e informática) e o BSL taster cursei na Remark (uma cooperativa que presta serviços de Interpretação e Tradução de BSL e ensino de BSL).

Durante as aulas de BSL, coletei e observei o uso dos Objetos de Aprendizagem utilizados pelas professoras utilizando, para registro, um Diário de Aprendizagem (GALINDO, 2010). Deste modo, consegui registrar minhas impressões de aprendiz e, a partir da leitura do Diário de Aprendizagem, produzi inferências na perspectiva de docente de Libras. Os vídeos foram analisados tendo como parâmetro algumas características dos Objetos de Aprendizagem, o que será discutido a seguir. Saliento, portanto que minha análise parte de dois olhares: o de professora de Libras, pois sou professora de Libras do Centro de Letras e Comunicação da UFPEL e, o de usuária, aluna em nível iniciante.

## 2. Vídeos como Objetos de Aprendizagem no ensino de línguas

O uso de vídeos para o ensino de línguas tem sido defendido por diversos autores. Merkt, Weigand, Heier e Schwan (2011, p. 687) salientam, por exemplo, que os estudantes possuem uma enorme experiência com essa tecnologia em seu tempo de lazer e, com a crescente acessibilidade e disponibilidade de ferramentas para a produção desse tipo de material, a tendência de ampliar seu uso em sala de aula é cada vez maior. Como salientam McNulty e Lazarevic (2012, p. 51), a evolução do vídeo é onipresente na vida do estudante do século XXI. O avanço da tecnologia permitiu o acesso a diferentes dispositivos digitais. A maioria dos alunos de ensino médio ou graduação possui hoje equipamentos tais como smartphones, e-books, ipods, tablets, entre outros.

Além disso, os vídeos digitais permitem ao internauta controlar sua apresentação, ou seja, é possível retornar e ver tantas vezes quanto sejam necessárias o mesmo trecho. Merkt *et al* (2011, p. 688) descrevem esse tipo de controle como atividades de micronível, pois são utilizadas pelo aprendiz para releituras e confirmações, servindo para controlar o processamento de informação em um nível de texto local, referindo-se à navegação através de palavras simples, frases, ou parágrafos curtos. As atividades de micronível, realizadas através de controles como *play/stop* e *forward/rewind*, de acordo com Merkt *et al* (2011, p. 700), são usadas espontaneamente quando os usuários buscam conhecimento declarativo. Este achado, sugerem os autores, reflete a necessidade de os aprendizes equilibrarem o ritmo da apresentação da informação com suas necessidades cognitivas.

South, Gabbitas e Merrill (2008, p. 241), em seu trabalho sobre o desenvolvimento de narrativas em vídeo para ensino de inglês como L2, notam que os estudantes acham mais fácil interpretar narrativas dramáticas do que textos descontextualizados. A importância da narrativa em vídeo como oportunidade de aprender língua de forma contextualizada também é defendida por Berret (2012, p. 34) para o ensino de Língua Americana de Sinais como L2. South, Gabbitas e Merrill (2008, p. 241) comentam, a partir de sua pesquisa, que o prazer e o engajamento dos alunos em atividades com narrativas foram significativos, ao serem comparados com outras formas de apresentação de conteúdos. Além disso, sugerem que a linguagem da narrativa é mais autêntica dentre outras formas de apresentação de conteúdo. A narrativa ainda permite, segundo os autores, que os alunos aprendam a usar a linguagem de forma mais perspicaz, com grande atenção aos contextos social, emocional e cultural.

Usar narrativas em vídeo (Ibidem, p. 242) abre novas possibilidades de ensino específico, entre elas: como o uso da linguagem evolui ao longo do tempo, como os relacionamentos evoluem, como adaptar a linguagem, gestos e tom para diferentes contextos sociais e com diferentes objetivos e ainda lições sobre a cultura. Nesse sentido, Merkt *et al*. (2011, p. 701) salientam que o vídeo tem como vantagem, também, a possibilidade de conhecer eventos que nunca serão experienciados na vida real.

Em sua pesquisa sobre o uso de vídeos para o ensino de inglês como L2, McNulty e Lazarevic (2012, p. 51) observaram que a utilização dessa tecnologia contribui significativamente para três aspectos: compreensão auditiva, habilidades de tradução e vocabulário. Os autores (ibid. p. 52) discutiram diferentes possibilidades de utilização dos vídeos para ouvir o conteúdo em língua estrangeira e visualizar as imagens; provocar discussões ou comunicação na sala de aula; ouvir a pronúncia de palavras e frases no inglês nativo, bem como para a autorreflexão e avaliação da aprendizagem; entre outros.

O uso de vídeos no ensino de Libras tem sido problematizado por alguns autores, como Franco, Bessa e Camargo (2011), Albres (2012) e Lebedeff e Santos (2014). Entretanto,

é necessário que se desenvolvam mais pesquisas sobre a produção e o uso de vídeos para o ensino de Libras, pois

os profissionais que produzem estes recursos, devido à escassez de material teórico sobre o assunto e experiências de produções anteriores, tentam descobrir a melhor forma de realizá-lo, aceitando o jogo de erros e acertos que pode surgir em uma produção realizada nessas condições. (FRANCO; BESSA; CAMARGO, 2011, p. 3)

Uma das possibilidades para investigar, discutir e buscar inferências sobre a produção e a utilização de vídeos para o ensino de Libras é analisá-los pelo viés de Objetos de Aprendizagem/Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas. Os objetos de Aprendizagem podem ser compreendidos como materiais digitais que possuem objetivos de ensino. Cabe salientar, conforme Lima, Falkembach e Tarouco (2014, p. 433, que o conceito de objetos de aprendizagem tem sofrido alterações:

A partir das definições técnicas vinculadas ao seu uso na área educacional, pode-se dizer que são unidades formadas por um conteúdo didático como: um vídeo, uma animação, um texto; uma gravação ou uma imagem, e podem ainda ser formados por uma unidade, que agregada à outra, forma um novo objeto, ou seja: objeto de aprendizagem é qualquer material digital com fins educacionais. Portanto, são recursos que oportunizam inovações pedagógicas visando a ensejar melhores condições para o processo de ensinar e aprender da geração do século XXI.

Os Objetos de Aprendizagem podem ser compreendidos por meio de suas características, que são, de acordo com Mendes, Souza e Caregnato (2015, p. 3):

- a) Reusabilidade: reutilizável diversas vezes em diversos ambientes de aprendizagem;
- b) Adaptabilidade: adaptável a qualquer ambiente de ensino;
- c) Granularidade: conteúdo em pedaços, para facilitar sua reusabilidade;
- d) Acessibilidade: acessível facilmente via internet para ser usado em diferentes locais;
- e) Durabilidade: possibilidade de continuar a ser usado, independente da mudança de tecnologia;
- f) Interoperabilidade: habilidade de operar através de uma variedade de hardware, sistemas operacionais e browsers. Intercâmbio efetivo entre diferentes sistemas.

Aguiar e Flôres (2014, p. 19) sugerem que interoperabilidade deve estar junto de portabilidade, ou seja:

A interoperabilidade é a habilidade de operar por meio de hardware (computador, celular, entre outros), sistemas operacionais (Linux, Windows, entre outros) e browsers (Internet Explorer, Firefox, entre outros), com intercâmbio efetivo entre diferentes sistemas. Já portabilidade significa que um objeto de aprendizagem deve ser compatível em diversas plataformas.

Leffa (2006, p. 26) também inclui nesta lista a característica de Recuperabilidade, que significa o acesso ao Objeto de Aprendizagem, via descritores, em um banco de dados.

Ampliando o conceito de OA para o ensino de Línguas, Vetromille-Castro, Moor, Duarte e Sedrez (2012) defendem que a finalidade de um Objeto de Aprendizagem para o Ensino de Línguas (OAL) deve ser o de facilitar a integração das competências gramatical,

sociolinguística e estratégica. Além disso, deve dar atenção à forma da Língua Estrangeira - LE - em situações de comunicação, levando o aluno do implícito ao explícito no uso da língua, bem como deve proporcionar oportunidades de interação em situações reais e significativas de comunicação.

Os autores (Ibid. p. 246-247) apresentam uma proposta de Objetos de Aprendizagem de Línguas compreendendo que “[...] além das abordagens comunicativas e colaborativas, a definição de OAL será igualmente norteada por aspectos de usabilidade pedagógica (VETROMILLE-CASTRO, 2003)”. Defendem, também, que os OALs apresentam características específicas do ensino/aprendizagem de línguas, os quais promovem o desenvolvimento da competência comunicativa a partir do desenvolvimento da autonomia, da interação e da colaboração na construção do processo de aprendizagem (VETROMILLE-CASTRO; MOOR; DUARTE; SEDREZ, 2012, p. 249). Sedrez (2014, p. 20) cita Garrison, Anderson e Archer (2000) que indicam a necessidade da presença de ensino no Objeto de Aprendizagem. Para Garrison, Anderson e Archer (2000, p. 90), a presença de ensino ou *teaching presence* pressupõe que o OA deve apresentar o desenho de uma experiência educacional da qual se esperam resultados educativos, ou seja, um OA deve ser pensado a partir de objetivos educacionais, tendo metas que expressem a possibilidade de ensino-aprendizagem.

### 3. Vídeos de BSL: OALS?

Os cursos de BSL seguem um currículo comum determinado pelo *UK Occupational Language Standards* (CILT, 2010, p. 4). Esse currículo foi desenvolvido para ensinar habilidades e conhecimentos de língua necessários em ambientes de trabalho, o qual possui uma equivalência com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (MEC/PORTUGAL, 2001). Em função disso, em BSL Introduction desenvolvem-se habilidades equivalentes ao aprendiz A1 para o referido Quadro:

A1 – Utilizador Elementar: É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante. (MEC- Portugal, 2001, p. 49)

O curso de BSL Introduction prevê 20 horas presenciais mais 10 horas de estudo em casa. A Signature<sup>4</sup> (antiga *Council for the Advancement of Communication with Deaf People*) é uma instituição nacional de caridade sem fins lucrativos, que tem por objetivo melhorar os padrões de comunicação entre pessoas surdas e surdo-cegas no Reino Unido. Essa organização é a responsável pelas qualificações em *British Sign Language*, ou seja, determina os conteúdos de ensino em todos os níveis, inclusive para a formação de Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais e aplica os testes de proficiência de BSL.

De acordo com a *Signature*, os resultados da aprendizagem a serem esperados no BSL Introduction são os apresentados no Quadro 1:

---

<sup>4</sup> Mais informações sobre a Signature podem ser encontradas na página: <http://www.signature.org.uk/>

1. <i>Understand and communicate basic conversation when meeting people</i>	1.1 <i>Address, greet and take leave of another BSL user</i> 1.2 <i>Understand and produce fingerspelling (the manual alphabet) for names of people and places</i> 1.3 <i>Use and recognise strategies for asking for clarification</i> 1.4 <i>Use and recognise simple question forms</i> 1.5 <i>Ask for and give relevant personal information about self or others</i>
2. <i>Know basic numbers</i>	2.1 <i>Recognise and use local numbers for:</i> a. <i>people</i> b. <i>time</i> c. <i>money</i> d. <i>dates</i>
3. <i>Know different weather conditions and respond to questions about the weather</i>	3.1 <i>Describe a range of weather conditions</i> 3.2 <i>Ask about the weather using a range of vocabulary</i>
4. <i>Know a range of transport modes</i>	4.1 <i>Give and receive information about different ways of travelling</i>
5. <i>Communicate a range of directions</i>	5.1 <i>Give simple directions in places or buildings</i> 5.2 <i>Ask for directions using a range of vocabulary</i>

Quadro 1: resultados da aprendizagem e critérios de avaliação para British Sign Language nível introdutório.  
Fonte: [http://www.signature.org.uk/documents/deliver/unit\\_specifications/BSL101\\_Unit\\_Spec\\_12-13.pdf](http://www.signature.org.uk/documents/deliver/unit_specifications/BSL101_Unit_Spec_12-13.pdf)

Em minha experiência como aluna de BSL, tive contato com diferentes materiais, nas três instituições em que estudei: a Remark utiliza seu próprio material, compilado em um DVD denominado *One step closer to learning British Sign Language*. A City Lit possui um livro de introdução a BSL acompanhado de um DVD, denominado *British Sign Language for Dummies*. A professora da UCL de BSL Introduction utilizou o DVD *British Sign Language Made Easy*. Foram analisados, portanto, três conjuntos de vídeos disponíveis em três DVDs: a) *One step closer to learning British Sign language*, b) *British Sign Language for Dummies* e c) *British Sign Language Made Easy*.

Apresento, a seguir, a caracterização dos três conjuntos de vídeo:

- a) *One step closer to learning British Sign language* (REMARK, 2012): O DVD apresenta três links: *Units*, *BSL Information* e *Credits*. O *BSL Information* disponibiliza informações em sinais com tradução oral sobre o que é BSL, os componentes da BSL, explicações sobre cultura surda e conhecimentos gerais sobre surdez. São três unidades de ensino de língua: a Unidade 1 com três vídeos, a Unidade 2 com dois vídeos e a Unidade 3 com três vídeos. Todos possuem um narrador principal, que é o senhor Smith. Ao longo das unidades o personagem apresenta sua família, seu trabalho, sua casa, seus amigos, entre outros. Em alguns momentos o vídeo é bem narrativo e, em outros, segue uma proposta de glossário, como no momento que o senhor Smith mostra cada eletrodoméstico na cozinha

ou quando abre o guarda-roupas e sinaliza cada uma das peças que estão penduradas nos cabides. Os vídeos possuem muitas situações cômicas. O tempo de cada vídeo é variável. Na primeira unidade, por exemplo, possuem os seguintes tempos: *Meet the Family* – 4’55’’, *Late for work* – 2’50’’ e *A well deserved drink* – 1’36’’.

- b) *British Sign Language for Dummies* (CITY LIT, 2008) – O menu do DVD da City Lit possui nove capítulos. Os capítulos do DVD não acompanham os capítulos do livro. Por exemplo, o capítulo 1 do DVD deve ser usado para acompanhar o capítulo 3 do livro. Entretanto, o livro traz instruções sobre qual vídeo deve ser visto para acompanhar o conteúdo. Cada capítulo apresenta um número diferente de vídeos, sendo ao total, 24 pequenos vídeos. Os vídeos apresentam frases ou pequenos diálogos. Alguns seguem a lógica de glossário, como, por exemplo, o capítulo *Going to the cafe*, no qual cada um dos cinco vídeos apresenta uma pessoa fazendo seu pedido. Os tempos são variáveis, sendo que nenhum excede dois minutos.
- c) *British Sign Language Made Easy* (CARPENTER; DAUNT, 2001) - UCL – O DVD apresenta dez narrativas em BSL, sem tradução oral. Cada narrativa é acompanhada de uma história em quadrinhos, com traços muito simples. As narrativas são apresentadas duas vezes. Na primeira apresentação aparece primeiro o quadrinho e, após, um narrador que sinaliza em BSL o trecho correspondente. Na segunda apresentação a sinalização é direta, sem cortes, e a história em quadrinhos aparece inteira no canto direito embaixo do monitor. Os professores que adquirem este DVD recebem, junto, um material impresso com as histórias em quadrinhos. Os professores podem projetar a história antes de passar o vídeo. O tempo médio de cada narrativa é de, no máximo, dois minutos. Como exemplo, a narrativa *Dressing up* possui, com cortes para apresentação de cada quadrinho, o tempo de 2’27’’ e, em apresentação direta, o tempo de 1’16’’.

Para realizar as análises assisti todos os vídeos em casa, pois muitos deles não foram utilizados pelas professoras em sala de aula. No primeiro dia de aula de cada curso, informei as professoras sobre minha pesquisa e, solicitei consentimento para participar da aula, na condição de aluna e pesquisadora. As professoras também foram informadas sobre a produção de um diário de aprendizagem (LEITE, 2001; GALLINDO, 2010), o qual eu mostrava para elas quando tinha alguma dúvida e precisava de esclarecimentos sobre o desenvolvimento da aula ou sobre algum material didático utilizado, OA ou não.

O primeiro passo para as análises foi organizar tabelas com os vídeos de cada DVD. Na primeira coluna foi escrito o título do vídeo, a seguir uma breve sinopse e o tempo. Nas colunas seguintes, marcou-se a presença ou não das diferentes características dos OAs. Posteriormente, as tabelas receberam novas colunas com a análise de velocidade da sinalização e planos de enquadramento, como no exemplo da Tabela 1.



Vídeos Remark	Características OAS							
	Título	Sinopse	Tempo	Reusabilidade	Interoperabilidade	Granularidade	Recupera Bilidade	Velocidade de Sinalização
Unidade 1 - Meet the family	A família está tomando o café da manhã e o pai é o cicerone. Ocorre a apresentação de cada um com soletração de nome, sinal de batismo e idade. Casal explica de onde são e como se conheceram. Cada um fala o que quer comer no café e depois os filhos comentam sobre o meio de transporte que utilizarão para ir para a escola.	4'55''	Pode ser utilizado para apresentações e despedidas, utilização de números para idades e horas. Membros da família, relacionament os, Solicitar alimentos e cortesia nas refeições. Cultura surda: sinal de batismo.	Disponível apenas em DVD. Não aceita gravação.	Depende dos comandos de um leitor de DVD.	Inexistente	Adequada para a primeira unidade. A soletração precisaria ser mais lenta.	Americano Contra-plano Meio Primeiro Plano

Tabela 1: Exemplo da organização das tabelas para análise dos vídeos.

#### 4. Análise dos vídeos

Do ponto de vista das características dos OA, pode-se dizer que nenhum dos três DVDs atendeu a todas elas. Por exemplo, em minha opinião de aluna, a Acessibilidade, a Interoperabilidade, a Portabilidade e a Recuperabilidade deixaram muito a desejar. Os materiais não estão disponíveis na internet e dependem de um computador com leitor de DVD para serem visualizados. Na City Lit, apenas os alunos de níveis mais avançados de BSL têm acesso a material em vídeos online, via acesso com usuário e senha.

Vetromille-Castro et al (2013, p. 85) discutem possibilidades de relações entre os princípios de Ensino Comunicativo de Línguas e as características dos Objetos de Aprendizagem a fim de explicar o que seria um Objeto de Aprendizagem para o Ensino de Línguas. Os autores basearam-se em quatro características: Reusabilidade, Interoperabilidade, Granularidade e Recuperabilidade. Para os autores, a reusabilidade, por exemplo, pode ser identificada se o Objeto de Aprendizagem para Ensino de Língua puder ser utilizado em uma situação de aprendizagem e, ao ser levemente modificado, ser aproveitado em outra situação, ou, ainda, para ensinar um conteúdo ou habilidade e reutilizado para ensinar outro, diferente do primeiro.

A característica de Reusabilidade foi observada no DVD utilizado pela professora da UCL. Ela utilizou as narrativas de diferentes maneiras, aproveitando os recortes e os

quadrinhos projetados. Também utilizou os mesmos recortes de narrativas em várias situações de ensino para abordar diferentes conteúdos e habilidades. Por exemplo, após a narrativa *Swimming Achievement*, que conta a história de um menino que aprende a nadar sem boias, a professora utilizou diversos recortes do vídeo para mostrar os usos de várias configurações de mãos ou mesmas configurações para diferentes sinais.

Com relação a Granularidade, Vetromille-Castro et al (2013, p. 87) sugerem que um OAL com uma Granularidade adequada permite a Reusabilidade, a Interoperabilidade Pedagógica (combinação de diferentes objetos) e a Interoperabilidade Técnica. Do ponto de vista de professora de Libras, compreendo que os vídeos são Objetos de Aprendizagem cuja granularidade permite diferentes combinações, formando novos objetos, e possibilitando diferentes reusos. Entretanto, enquanto aluna, foi possível vislumbrar a Granularidade nos vídeos apenas nas aulas da professora da UCL. Como comentado acima, ela aproveitava a narrativa do vídeo para fixar em um sinal ou em uma configuração de mão, congelando a cena. Com relação à Recuperabilidade, que significa o acesso ao Objeto de Aprendizagem, via descritores, em um banco de dados, foi característica encontrada apenas nos vídeos da City Lit, e somente para os níveis avançados.

Do ponto de vista qualitativo, para compreender um OA como um OAL, de acordo com Sedrez (2014, p. 16), é preciso que o OA seja produzido com foco “na competência comunicativa, na colaboração, na interação, nos aspectos sócio-linguístico-culturais dos aprendizes, além de levar em conta a forma, tornando a aprendizagem significativa para os alunos”. Ao analisarem-se os três DVDs, é possível avaliar os utilizados na UCL e na Remark como materiais que focam, sim, a competência comunicativa e possibilitam interação, respeitando os aspectos sócio-linguístico-culturais de aprendizes iniciantes e permitindo aprendizagem significativa. Acredito que essas características têm muito a ver com o fato de os vídeos serem narrativas. Como comenta Berret (2012, p. 34), o desenvolvimento de narrativas em Línguas de Sinais em vídeo é necessário para disponibilizar uma oportunidade de aprender língua de forma contextualizada.

É importante destacar que os conteúdos desenvolvidos nos três DVDs estão de acordo com o que prevê a Signature para o BSL Introduction. Entretanto, os vídeos da City Lit, apesar de apresentarem algumas características de OA, não focam, em minha avaliação, em competência comunicativa, por apresentarem frases soltas e diálogos falsos. São materiais que focam na memorização de sinais e de estruturas frasais.

Cabe, também, ampliar a discussão para outras características. Um dos problemas dos vídeos de Línguas de Sinais refere-se à velocidade da sinalização (ROSA et al, 2013, p. 9). Neste quesito, apesar dos vídeos utilizados na Remark e na UCL terem sido desenvolvidos para ensino de BSL para iniciantes, os da Remark apresentam uma velocidade de sinalização que requer conhecimento prévio de BSL. Outra questão é com relação aos planos de enquadramento. Os vídeos utilizados na UCL apresentam a sinalização em apenas um plano, o que pode ficar monótono, caso o vídeo não seja curto. Por outro lado, os da Remark mudam constantemente de plano, o que dá agilidade ao vídeo, mas pode ser um fator de distração para aprendizes iniciantes, caso sejam trocas excessivas.

O tempo do vídeo também é um elemento a ser avaliado. Vídeos muito longos podem perder o foco da proposta ou podem correr o risco de que o espectador perca o interesse. Um dos vídeos da Remark apresenta 4’55”, que pode ser um tempo excessivo para um aprendiz iniciante. Também é interessante observar o objetivo do audiovisual: apresentar habilidade comunicativa ou fornecimento de glossário. Os vídeos utilizados pela professora da UCL apresentavam apenas habilidades comunicativas. Os enredos das histórias permitem o trabalho de vocabulário dentro de um contexto narrativo simples e muito agradável. Por outro

lado, os vídeos do DVD da Remark, em algumas situações, deixam a perspectiva de narrativa para passar para um momento de simples apresentação de vocabulário, como na Unidade II, *The Smith's Homely Abode*. Neste vídeo, há uma série de sequências de apresentação de vocabulário: atividades de lazer, cozinha, peças de roupas, entre outros, ou seja, novamente as cartilhas, só que desta vez com excelente produção.

### Considerações finais

Este trabalho teve como proposta analisar os vídeos – Objetos de Aprendizagem, utilizados por professoras de BSL em sala de aula. Essa análise buscou investigar em que medida vídeos produzidos para o ensino de BSL podem ser compreendidos como Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas (OALs).

Dadas as características dos OAs e dos OALS dos três conjuntos de vídeos analisados, avalio que dois possuem o potencial de OALS: os vídeos compilados no DVD *One step closer to learning British Sign language*, produzido pela Remark, e os vídeos do DVD *British Sign Language Made Easy*, utilizados pela professora na UCL. Pensar os vídeos a partir de características de OALS pode contribuir muito para a qualificação dessa tecnologia para o ensino de Línguas de Sinais. Obviamente as características de Acessibilidade e Interoperabilidade/Portabilidade são essenciais para o estudo autônomo. Entretanto, são características que dependem se são vídeos produzidos com proposta mercadológica ou não.

Como pesquisadora/produtora de vídeos para o ensino de Libras compreendi que não basta um bom roteiro e uma boa produção para a elaboração de vídeos para o ensino de línguas. Analisar os vídeos realizados por outros sujeitos, pela perspectiva de estudante e, com base nas características de OALS provocou a reflexão sobre o que estamos fazendo em nossos próprios vídeos. Algumas inferências de minha experiência que podem contribuir na elaboração de vídeos para o ensino de línguas são: 1) narrativas e diálogos prendem mais a atenção do estudante do que vídeos que apresentam algum fenômeno ou objetos; 2) o tempo é um elemento extremamente importante, vídeos para o estudo da língua com mais de 2' são cansativos; 3) materiais de apoio que discutem cultura, curiosidades, entre outros, podem ser mais longos desde que não dependam unicamente da língua alvo para sua compreensão; 4) ao elaborar o roteiro não se deve pensar no vocabulário, e sim nas habilidades linguísticas que se pretende que os alunos adquiram; 5) os glossários devem ser um suporte para as habilidades linguísticas, mas, disponibilizados como glossários. É inútil querer disfarçar um glossário com duas ou três frases de diálogo... é extremamente entediante; 6) granularidade, reusabilidade, acessibilidade e interoperabilidade são características fantásticas que devem ser estimuladas na produção dos AOLs. Nesse caso, é importante compreender o conceito de Recursos Educacionais Abertos (REAs). Um excelente conjunto de exemplos de REAs estão disponíveis na plataforma ELO<sup>5</sup>; 7) o uso de diferentes planos de filmagem pode ajudar ou arruinar um vídeo, principalmente para vídeos de Línguas de Sinais. A ausência de trocas de planos deixa o vídeo entediante, mas, o excesso pode deixar o espectador tonto, tendo em vista que as Línguas de Sinais exigem atenção visual diferenciada; 8) como planos de enquadramento, sugiro foco no Plano Americano e no Meio Primeiro Plano, este último o ideal para a soletração e atenção na configuração de mão.

Finalmente, cabe salientar que, mesmo que os vídeos atendam a todas as características de Objetos de Aprendizagem para Ensino de Línguas, o papel do professor no

---

5 O ELO é um sistema de autoria para a produção e montagem de Recursos Educacionais Abertos (REAs), voltados especialmente para o ensino de línguas. Acesso em: <http://www.elo.pro.br/cloud>

Suporte ou Andaime (BRUNER, 1994) para a aprendizagem foi, na minha experiência, determinante para compreender os limites e possibilidades dos vídeos.

### **Vídeos as Learning Objects for Language Teaching: a discussion from a British Sign Language learner perspective**

**ABSTRACT:** This work seeks to analyze videos produced for teaching in British Sign Language (BSL) in the perspective of learning objects for languages teaching. The data were collected in BSL courses in three institutions in London: University College London, City Lit and Remark. For data collection, two procedures were used: production of a Learning Diaries and analysis of videos using as criteria some Learning Object's characteristics. The videos were analyzed based on the characteristics of Reusability, Interoperability, Granularity and Recoverability. The videos from Remark and UCL can be understood as AOLs. Videos for teaching Sign Language can be produced from AOLs parameters. It is suggested to extend the discussion to other specific features, such as signaling speed, change of plans and the vídeo length.

**Keywords:** sign languages; learning objects for teaching languages; videos.

### **Referências**

AGUIAR, E.V.B.; FLÔRES, M.L.P. Objetos de Aprendizagem: conceitos básicos. In: TAROUCO, L.M.R.; COSTA, V.M.; ÁVILA, B.G.; BEZ, M.R.; SANTOS, E.F. *Objetos de Aprendizagem: teoria e prática*. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2014. p. 12-28.

ALBRES, N. de A. Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. *ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 125-149. 2012.

BERRETT, B. Using Computer-Assisted Language Learning in an American Sign Language course. *Innovation in Language Learning and Teaching*. v. 6, n. 1, p. 29-43, mar. 2012.

BRUNER, J. *El habla del niño*. Barcelona: Paidós, 1994.

CAPENTER, I.; DAUNT, W. *British Sign Language made easy: Confidence building for beginners*. 1 CD-ROM. Derby: Royal School for the Deaf, 2001.

CERNY, R.Z.; QUADROS, R.M. Formação de professores de Letras-Libras: construindo o currículo. *Revista E-Curriculum*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 1-15, jun. 2009.

CILT – The National Centre for Languages. *UK Occupational Language Standards*. Londres: CILT, 2010.

CITY LIT. *British Sign Language for dummies*. Chichester: John Wiley & Sons, 2008. 1 CD-ROM.

CONCEIÇÃO, S.; LEHMAN, R.M. Creating Learning Objects to Enhance the Educational Experiences of American Sign Language Learners: An Instructional Development Report. *Canadian Journal of Learning and Technology*, V. 28(3) Fall / automne, 2002. Disponível em:  
<<http://www.cjlt.ca/index.php/cjlt/article/view/103/96>> Acesso em: 30 jul. 2015.

FELIPE, T.A. *Libras em contexto - Curso Básico: Livro do Estudante*. 8a. edição - Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

FOURIE, R.J. Efficiency of a hearing person learning sign language vocabulary from media versus a teacher. *Deafness and Education International*, v. 2, n. 1, p. 45-60. 2000.

FRANCO, I.C.M.; BESSA, J.S.A.; CAMARGO, L.D.V.L. Recursos (áudio) visuais para o ensino a distância da Língua Brasileira de Sinais: relato de experiência. *Anais da ABED*, 2011. Disponível em:  
<<file:///C:/Users/Tatiana/Documents/tecnologia/v%C3%ADdeos%20para%20ensino%20de%20Libras.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

GALLINDO, M. What can learning diaries tell us about Sign Language Learning? In: MERTZANI, M. (Ed.). *Sign Language teaching and learning*. Bristol: University of Bristol, 2010. p. 86-92.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Prolibras. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/prolibras1>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

INES/UFSC. Edital INES - UFSC nº 01/2015, de 03 de agosto de 2015. Disponível em: <[http://www.prolibras.ufsc.br/files/2013/10/PROLIBRAS\\_7\\_Edital-Final.pdf](http://www.prolibras.ufsc.br/files/2013/10/PROLIBRAS_7_Edital-Final.pdf)>. Acesso em 20 abr. 2017.

LEBEDEFF, T.B.; ROSA, F.S. Ensino de libras a distância: uma discussão sobre desafios e superações didáticas. *Anais do VIII Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância*. Ouro Preto: Editora da Universidade Federal de Ouro Preto, 2011a.

LEBEDEFF, T. B.; ROSA, F. S. Produção de material didático para o ensino de libras a distância: uma discussão sobre desafios e superações didáticas e de design. *Anais do 5º Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para Educação*. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2011b.

LEBEDEFF, T. B.; SANTOS, A.N. Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v.14, n.4, p.1073-1094, out./dez. 2014.  
Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982014005000020>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

LEFFA, V. J. Nem tudo que balança cai: Objetos de aprendizagem no ensino de Línguas. *Polifonia*. Cuiabá, v.12 n. 2, p. 15-45, 2006.

LEITE, T. de A. *Pesquisa Autobiográfica de Aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira como Segunda Língua: Estudo em Diário*. Série Publicações Ocasionais 2. São Paulo: Escola do Futuro, Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://ecs.futuro.usp.br/leite/Leite-2001.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2015.

LIMA, P.R.B.; FALKEMBACH, G.A.M.; TAROUCO, L.M.R. Objetos de aprendizagem no contexto de M-Learning. In: TAROUCO, L.M.R.; COSTA, V.M.; ÁVILA, B.G.; BEZ, M.R.; SANTOS, E.F. *Objetos de Aprendizagem: teoria e prática*. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2014. p. 431-447.

MCNULTY, A.; LAZAREVIC, B. Best practices in using video technology to promote second language acquisition. *Teaching English with Technology*, v. 12, n. 3, p. 49-61, 2012.

MENDES, R.M.; SOUZA, V.I.; CAREGNATO, S.E. A propriedade intelectual na elaboração de objetos de aprendizagem. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/548/000502901.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

MERKT, M.; WEIGAND S.; HEIER, A.; SCHWAN, S. Learning with videos vs. learning with print: The role of interactive features. *Learning and Instruction*. v. 21, p. 687-704, 2011.

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO e CIÊNCIA - Portugal. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Porto: Asa Editores, 2001.

MILES, D. *British Sign Language: A beginner's guide*. London: BBC BOOKS, 1988.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. *Curso de Libras I*. LSBVideo: Rio de Janeiro. 2006.

REMARK. *One step closer to learning British Sign Language*. 1 CD-ROM. Londres: Remark Production, 2012.

ROSA, F. S.; LEBEDEFF, T. B.; SANTOS, A.N. e SILVA, I.G. Ensino de libras na UFPEL: memórias da experiência de produção de material didático em interface digital interativa. In: VII Seminário Nacional sobre Linguagens e Ensino, 2012, Pelotas. *Anais do VII SENALE*. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2013. Disponível em: <[http://www.ucpel.tche.br/senale/cd\\_senale/2013/Textos/trabalhos/110.pdf](http://www.ucpel.tche.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/110.pdf) > Acesso em: 25 out. 2015.

SEDREZ, N. H. *Reusabilidade de Objetos de Aprendizagem de Línguas para alunos surdos e ouvintes*. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2014.

SOUTH, J.B.; GABBITAS, B.; MERRILL, P.F. Designing video narratives to contextualize content for ESL learners: a design process case study. *Interactive Learning Environments*. v. 16, n. 3, p. 231-243, 2008.

VETROMILLE-CASTRO, R. A usabilidade e a elaboração de materiais para o ensino de inglês mediado por computador. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. v. 3, n. 2, p. 9-23, 2003.

VETROMILLE-CASTRO, Rafael; MOOR, Anne Marie; DUARTE, Gabriela Bohlmann e SEDREZ, Nairana Hoffmann. Objetos de Aprendizagem de Línguas: uma proposta. In: VETROMILLE-CASTRO, R., Heemann, C. E FIALHO, V.R. (Orgs.). *Aprendizagem de Línguas – a Presença na Ausência: CALL, Atividade e Complexidade. Uma Homenagem aos 70 anos do Prof. Dr. Vilson José Leffa*. Pelotas: EDUCAT, 2012. p. 241-256.

VETROMILLE-CASTRO, R.; MOOR, A.M., DUARTE, G.B.; SEDREZ, N.H. From Learning Objects to Language Learning Objects: Communicative Language Teaching Principles in CALL Material. *International Journal of Computer-Assisted Language Learning and Teaching*. v. 3, n. 2, p. 82-96, abr./jun. 2013.

Data de envio: 29/10/2015  
Data de aceite: 28/04/2017  
Data de publicação: 01/09/2017